

Resenha do livro: *Town & Country in Brazil: a social-anthropological study of a small Brazilian town*. 2. ed. New York, EUA: The Norton Library, 1971.

Por: Lucineide Santos Silva e Ana Elizabeth Santos Alves (UESB)

Este livro é o resultado da pesquisa desenvolvida pelo antropólogo Marvin Harris, entre julho de 1950 a junho de 1951, resultado da sua participação no Projeto Columbia-*University*, vinculado ao programa de Ciências Sociais Estado da Bahia e a Universidade de Columbia nos Estados Unidos, fruto de um convênio idealizado por Anísio Teixeira durante o governo de Octávio Mangabeira. Foi publicado em Inglês nos Estados Unidos em 1956, segunda edição em 1971, disponível na versão original em bibliotecas.

A pesquisa foi desenvolvida segundo o método de Estudos de Comunidade. A obra está organizada em capítulos, além da introdução e das partes finais no qual englobam a conclusão e referências bibliográficas que contém uma lista de autores brasileiros, a exemplo de Fernando de Azevedo, Pedro Calmon, Gilberto Freire e Afrânio Peixoto, como internacionais. Os capítulos estão divididos em temas que tratam da Localização, Ambiente e História do município de Rio de Contas, da Economia, Classe e Raça, Família e Indivíduo, Governo e Política, Religião e Folclore. Tais temas foram trabalhados à luz do materialismo cultural para dar conta da realidade das condições materiais da vida das pessoas e das relações de produção.

Nas primeiras partes do livro Harris explica o caráter ruralista de Rio de Contas, apontando características do modo de viver de homens e mulheres do campo. A predominância do modo de vida rural e tradicional do município é constatada por meio da comparação com o município vizinho Vila Nova (Livramento de Brumado), apresentado pelos moradores como um lugar desenvolvido, tendo em vista o crescimento local, a exemplo da construção de prédios, hospital, escola secundária, bares servindo coca-cola e guaraná gelados e pousadas lotadas.

As preocupações do autor naquele momento eram com o exercício do método de estudos de comunidade, tendo em vista evidenciar os limites e superações entre uma região de caráter rural (tradicional, arcaica) e outra com indícios de urbanismo (traços modernos). Entretanto, essa região, em sua totalidade, apresenta aspectos muito peculiares que poderia a princípio detectar um marco de articulação com outros espaços geográficos.

Segundo Harris, a região estudada é uma faixa pertencente à cadeia de serras chamada Serra do Espinhaço. A sua característica principal foi a riqueza mineral que fez do Brasil, em tempos passados, o maior produtor de ouro e de diamantes. Por isso, podemos considerar Rio de Contas um lugar marcado por um prisma de colonização fortemente urbano.

No capítulo 2, sobre a Economia, o autor trata da descoberta do ouro no século XVII, no Brasil, explicando o papel fundamental que o produto teve para determinar em certa medida o rápido crescimento de cidades auríferas e sua articulação com outros espaços, o que só veio confirmar a hipótese de Harris quando exemplifica o crescimento e, em especial de Vila Rica em Minas Gerais, ao dizer que essa cidade foi construída rapidamente, incorporando várias características avançadas, entre as quais, a grande produção artística de Aleijadinho com suas esculturas de madeira e de pedra, consideradas entre as melhores das Américas, mesmo tendo todo o ouro extraído das minas brasileiras contribuído em grande medida para a expansão do capitalismo industrial na Europa.

A esse respeito Harris reafirma a situação econômica confortável que Portugal apresentava no século XVIII em seus acordos econômicos com a Inglaterra, ancorados nas torrentes de riqueza que lhes propiciava o Brasil. Temos, nesse contexto, a cidade de Rio

de Contas como um cenário de propensão dessas riquezas que foram desaguadas na Europa e propiciaram a construção de palácios, monumentos, museus de Lisboa e investimentos nas fábricas. Pressupomos que essas riquezas foram construídas por meio da exploração dos trabalhadores escravos brasileiros que extraíam ouro em Rio de Contas submetidos à dura jornada de trabalho e péssimas condições de vida para a realização do velho sonho português de encontrar pedras preciosas no Novo Mundo.

Harris reconhece o ciclo do ouro como aspecto principal para o desenvolvimento de Rio de Contas e aponta que a decadência do ouro não significou o seu fim, apesar de sua natureza inóspita, sua localização geográfica, suas escarpas e serras que durante muito tempo supostamente funcionaram como uma espécie de obstáculo intransponível de mobilidade dos recursos materiais que eram disponibilizados para o mercado exterior. Nesse aspecto, toma Rio de Contas como seu objeto de estudo para entender toda a dinâmica de avanços e retrocessos no decorrer de suas transformações socioculturais e econômicas. O autor traça o perfil econômico da cidade de Rio de Contas, evidenciando seu caráter na produção extremamente heterogêneo e sua herança fortemente marcada pelos resquícios colonialista onde se processou um longo período de extração de ouro e possibilitou a riqueza de famílias abastadas do lugar e da corte portuguesa. Detecta que há uma predominância do trabalho domiciliar em que aparece uma infinidade de especializações ocupacionais com forte divisão social do trabalho com aspecto individualizado, concorrencial para a valorização do capital. É na esteira dessa realidade que Harris traça o perfil do trabalhador dos anos 1950 ao percebê-lo enquanto uma peça fundamental ao resgate de uma memória subterrânea que a história oficial muitas vezes não abordou. Harris ressalta que os trabalhadores dos anos 1950 sofrem a herança dos processos aviltados de trabalho do passado, quando em sua vida cotidiana buscam na luta a sobrevivência, quer no campo ou na cidade. No campo acentua-se a noção da propriedade privada e o aumento da concentração do latifúndio através do processo jurídico de posse pelas famílias e a apropriação indevida das terras, que, como consequência, provocou um profundo êxodo rural para a cidade e para lugares longínquos.

Os trabalhadores que permaneciam na área rural ficavam submetidos a relações de trabalho que eram insuficientes para manter sua sobrevivência, submetendo-se às relações de cunho paternalista. Nesse sentido, plantavam, colhiam, aravam, produziam os produtos e os encaminhavam para sua realização final de venda. Na cidade, Harris trata das mais diversas ocupações no artesanato, nas fábricas, nas lojas e armazéns. Coloca mais em evidência o trabalho do funcionalismo público, trazendo a sua importância em cuidar das devidas funções públicas que beneficiavam os moradores locais.

No capítulo 3, Classe e Raça, a urbanização está ligada a uma mudança de concepção que envolve as condições materiais dos indivíduos, apontando que a cidade enquanto novo lócus da produção poderá propiciar novas formas de sobrevivência para os sujeitos históricos, ou seja, o novo lócus surge com as esperanças de incorporação de novos produtos com nível tecnológico para a melhoria da vida com valores e costumes citadinos. O registro do processo de migração dos trabalhadores elucida bem esse desejo a ser realizado, o que faz inferir que a cidade está marcada por uma profunda estratificação de raça e classe. A esse respeito, Harris mostra vários aspectos da divisão social de classe e os mais variados comportamentos de discriminação racial em Rio de Contas. Apresenta nesse capítulo a estratificação social de classe entre grupos ao identificar o poder aquisitivo das famílias que habitam Rio de Contas, o que permite uma divisão social do trabalho e das condições materiais em se inserir nos aspectos sociais da vida no que diz respeito ao trabalho, a educação, lazer, arte e a cultura. A estratificação das classes é que vai identificar o tipo de inserção na sociedade com todos os direitos que se transformam em privilégio de alguns. A presença das mulheres no trabalho é bastante evidenciada pelo

autor, mas estão basicamente ligadas ao trabalho manual e braçal tornando-se muitas vezes arrimo de família. Nos seus estudos sobre raça, Harris utiliza um método empírico de pesquisa onde propõe que as pessoas entrevistadas atribuam adjetivos raciais relativos aos pares étnicos por meio de fotografias, como o mais inteligente e o menos inteligente e demonstra através das respostas uma forte estratificação étnica e social em que se coloca na comunidade a superioridade do homem branco sobre o negro e uma naturalização do processo discriminatório, com a evidencia de vários estereótipos. Exemplifica também como vários textos que são aplicados nas escolas e na explicação mitológica, humorística ou pejorativa referendam essa estratificação. Demonstra que a questão racial está ligada fortemente ao poder aquisitivo dos níveis estratificados. Ou seja, na classificação do tipo ideal de ser negro, envolvendo toda a herança do passado escravocrata e a estratificação de classe, está colocada a objetividade das contradições nas relações sociais, do qual o atributo ao indivíduo leve em consideração seu pertencimento a um passado histórico colonial, étnico-racial, mas também a sua posição social.

No capítulo 4, Família e o Indivíduo, traz um enfoque sobre a família e o indivíduo, demonstrando que a família compõe a base da sociedade rio-contense e enfatiza que na relação familiar está embutido todo um processo de desenvolvimento urbano e disseminação cultural que perpassa as gerações através dos costumes, da tradição, dos modos de vida e da base material que envolve os indivíduos a partir do seu tipo de inserção na sociedade. O trabalho é central nessas relações, pois compõe o alicerce de como as pessoas vão se identificando no tecido social e como vão se posicionando a partir de seu poder aquisitivo. A incorporação dos valores morais, religiosos, credences, rituais, dominação masculina, amizade, grau de parentesco vão sendo redefinidos de acordo com o interesse de grupos divididos em classes sociais antagônicas. A relação de compadrinho fortalece a reprodução material da vida dos abastados por meio da concessão de “favores” e a inculcação ideológica do sentimento de pertencimento sociável aos trabalhadores do lugar para manutenção e reprodução da vida material.

No capítulo 5, Governo e Política, aponta que o individualismo político que predomina sobre as relações de produção traz a característica das contradições que se estabelecem na relação capital/trabalho, ou seja, o processo de produção não se dá de forma linearizada e determinada. Ocorrem oscilações econômicas que provocam o efeito dominó de crise que envolve os sujeitos na busca pela sobrevivência bem como aqueles que buscam a acumulação do capital. Daí a disputa do poder político na região apresentar a velha rivalidade e querelas entre as áreas de influência em torno de Rio de Contas (Vila Velha) e Livramento do Brumado (Vila Nova), que teve uma luta histórica para se tornar sede de um novo município.

Sobre a Religião, capítulo 6, o autor destaca que a população rio-contense é marcada pela presença de varias religiões, mas tem a predominância do catolicismo que é fortemente representada através de seus rituais: missas, batizados, novenas, procissões, confissões, crismas, comunhões e que está presente no cotidiano da vida pessoas e no seu comportamento cristão. Por meio da religião é possível detectar que os valores morais são legitimados com a propagação ideológica da permanência dos costumes. O autor mostra com riqueza de detalhes o funcionamento da estrutura hierárquica da igreja, a participação e adesão das pessoas aos cultos religiosos e as contradições e disputas que permeiam as relações subjetivas e objetivas no interior da religiosidade. Através de dados o autor demonstra o grau socioeconômico de relacionamento que legitima o tipo de inserção e participação na espiritualidade, marcada por uma constante divisão social e por um processo de alienação e fanatismo que envolve a população. O processo hegemônico católico é ferido pela permeabilidade e ecletismo religioso que, simbolicamente marca o lugar.

Enfatiza através do capítulo 7, Folclore, que as crenças populares faz parte do escopo espiritual das pessoas. Em meio a uma profissão de Fé em Deus, simbolizada de forma hegemônica pela igreja católica está o envolvimento das credências que são perpetradas ao longo das gerações. Segundo Harris, a maioria das pessoas em Rio de Contas acredita em fantasmas, demônios, magias e poderes curativos de certas ervas e raízes. Há uma secularização na perpetuação na construção de seus mitos de suas experiências passadas para buscar explicação e alento em sua vida material. A religião, os personagens folclóricos e os rituais de cura pertencem à categoria dos assuntos mágico-religiosos que visam trazer as respostas dos dilemas humanos. Mas, a maior resposta para superação dos problemas socioeconômicos é exemplificado com a questão do ouro em que muitos o vê como uma entidade encantada que reluz a esperança de dias melhores.

Enfatiza que a nova mentalidade urbanística das subculturas citadinas do Brasil deve ser levada em consideração pelos que estão à frente das políticas públicas com o intuito de promover melhores condições de vida e desenvolvimento para as cidades brasileiras. Assim, afirma categoricamente que as pessoas em Rio de Contas estão ávidas por mudanças estruturais com vistas para o progresso, a fim de chegar às benfeitorias para o local. A cidade é a nova utopia do mundo moderno.

Uma questão central no seu trabalho era a dificuldade em definir o que é urbano e rural, tendo em vista o contexto cultural brasileiro e o alto grau de ruralismo. No entanto, nas conclusões da pesquisa observa que apesar do tamanho, do isolamento e do atraso tecnológico, Rio de Contas é uma cidade urbana e não vila rural, mostrando que sua estrutura social só pode ser entendida em relação a um *ethos* urbano desenvolvido.

Assim, basicamente, observa-se que o propósito dos estudos de comunidade teve um alcance efetivo do ponto de vista do levantamento de informações, mapeamento e detalhamento do lugar e das proposições levantadas pelo autor. Contudo, há que se refletir que a materialidade das proposições depende de uma série de fatores que envolvem outros segmentos da sociedade que são os sujeitos históricos em disputa. É um estudo rico e detalhado sobre Rio de Contas dos anos cinquenta, é um mergulho apaixonado na história e na subjetividade humana com vistas a trazer à tona os aspectos que envolvem o sentimento, a paixão, o pertencimento, as angústias e o cotidiano de um povo. É uma obra que vale a pena nos debruçarmos.